



ESEF - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE FAFE

Relatório Final

Abordagem à Escrita no Pré-Escolar: Recomendações da Literatura quanto à Letra Cursiva e Impressa

Mariana de Afonseca Guimarães n.º 28002

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Fafe, fevereiro 2017



ESEF - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE FAFE

Relatório Final

Abordagem à Escrita no Pré-Escolar: Recomendações da Literatura quanto à Letra Cursiva e Impressa

Mariana de Afonseca Guimarães n. ° 28002

Relatório Final de Investigação em Educação I
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho realizado sob orientação de
Doutora Íris Oliveira

Fafe, fevereiro 2017

Índice

Introdução	1
Método	4
Resultados	5
Discussão	9
Referências.....	11

Índice de Figuras

Figura 1 - Número de artigos obtidos pelas palavras-chave	5
Figura 2 - Esquema da seleção de artigos	5

Índice de Quadros

Quadro 1 - Caracterização geral dos artigos	8
---------------------------------------------------	---

Resumo

Apesar de cientificamente parecer consensual recomendar a utilização da letra impressa, na prática dos/as educadores/as, nos respectivos manuais de suporte e nas expectativas sociais, surgem mensagens contraditórias quanto ao uso da letra impressa e da letra cursiva na educação pré-escolar, que devem ser acauteladas. Esta revisão sistemática da literatura procura responder a esta dúvida instaurada na prática em Educação Pré-Escolar quanto à adequação do uso da letra cursiva ou impressa quando se promove a abordagem à escrita junto de crianças. Foram então escolhidas 12 palavras-chave para a pesquisa numa única base de dados, a *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Através de cinco critérios de inclusão e seis critérios de exclusão, foram revistos cinco artigos. Desses cinco artigos, foi feita a caracterização geral dos mesmos e a caracterização do conteúdo, em que se referiram os principais objetivos, resultados e conclusões, tendo em conta o tema desta revisão. Os resultados obtidos apontam para a importância de fatores relevantes à abordagem à escrita na educação pré-escolar, que podem estar relacionados com o tipo de letra. Discute-se o contributo desta revisão sistemática da literatura para a investigação futura e para a prática enquanto educador/a-investigador/a.

Palavras-chave: educação pré-escolar; abordagem à escrita; letra cursiva; letra impressa

Abstrat

Although it is scientifically consensual to recommend the use of printed handwriting, the preschool teachers' practices, the published professional handbooks and the social expectations offer conflicting messages about the use of printed and cursive handwriting in preschool. This systematic review of the literature seeks to respond to this practical doubt regarding the adequacy of the cursive or printed handwriting when promoting the preschool children's approach to writing. Twelve key words were chosen to search published articles accessible in a single database, the Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Using five inclusion criteria and six exclusion criteria, five articles were reviewed. A general description of the five reviewed articles was presented as well as the characterization of their content regarding their purpose, main results and conclusions aligned with the targeted topic of this review. The results identified important factors on the approach to writing in preschool, which may be related with the handwriting type. The contribution of this systematic review of the literature for future research and practice as a preschool teacher and researcher is discussed.

Keywords: preschool; approach to writing; cursive handwriting; printed handwriting

Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Fafe. Este trabalho de investigação procura, com base na literatura científica, responder a uma dúvida instaurada na prática de estágio em Educação Pré-Escolar, orientada pela Professora Dulce Noronha quanto à adequação do uso da letra cursiva ou impressa quando se promove a abordagem à escrita junto de crianças.

Esta dúvida parece advir de posicionamentos científicos que sugerem a possibilidade e a pertinência de trabalhar a abordagem à escrita na educação pré-escolar. As crianças iniciam o contacto com a linguagem escrita nos mais variados contextos sociais, como em casa e na vizinhança. De acordo com pesquisas psicogenéticas, tratam-se de contextos letrados, em que a escrita é utilizada diariamente como objeto social e cultural, permitindo à criança aprender por modelação, ao observar, interagir com a escrita e relacionar-se com pessoas próximas alfabetizadas (Ferreiro & Teberosky, 1979, citado por Pérez & García, 2001). Tal como reconhecido pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

Não há hoje em dia crianças que não contactem com o código escrito e que, por isso, ao entrarem para a educação pré-escolar não tenham já algumas ideias sobre a escrita.

Assim, há que tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar e utilizar a leitura e a escrita com diferentes finalidades. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 69)

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar alertam que não se espera uma instrução formal da escrita. Em contrapartida, espera-se que o contexto pré-escolar nutra a curiosidade das crianças acerca da linguagem escrita e o seu desejo de conhecer melhor o sistema de escrita, contactando com texto manuscrito e impresso, os desenhos das letras e aprendendo convenções da escrita. Ou seja, pretende-se que a criança tenha oportunidades para contactar com a leitura e a escrita, “em situações reais e funcionais associadas ao dia-a-dia” (Silva et al., 2016, p. 69). Em articulação com o desenvolvimento cognitivo, as crianças vão-se adaptando, pouco a pouco, às características do código escrito, sendo que as suas experiências interativas com o meio contribuem para a maturação das suas estruturas cognitivas e sustentam, progressivamente, as condições cognitivas necessárias à posterior aprendizagem formal e convencional da escrita (Kaufman, 1989, citado por Pérez & García,

2001). Com efeito, escrever envolve atividades cognitivas, mas também habilidades motoras específicas (Batista et al., 2005), que necessitam de ser aprendidas e treinadas.

Para dominar o gesto da escrita, é necessário haver um equilíbrio entre as forças musculares, flexibilidade, agilidade de articulação do membro superior. Por esta razão é que se torna necessário fixar as bases motoras da escrita, através da educação psicomotora, antes de ensinar a criança a dominar o uso do lápis. (Lagrande, 1977, p. 25)

Silva (1996) identificou múltiplas designações e diferenças entre a letra impressa e a letra cursiva. Por um lado, a letra impressa comporta outras nomenclaturas, das quais, letra maiúscula, caixa alta, impressa maiúscula, *script*, bastão e de imprensa. Está presente em vários géneros textuais e é observada mais frequentemente pelas crianças. No que concerne à linha pedagógica, a letra impressa é a primeira a ser introduzida em escolas construtivistas, que preveem a participação ativa da criança através da experimentação, pesquisa e questionamento. Os traços da letra impressa são mais simples e menos exigentes no domínio motor. Contudo, o seu traçado é lento, devido à necessidade de levantar o lápis, pelo menos no final de cada letra. Por outro lado, a letra cursiva comporta outras nomenclaturas, das quais, a letra de mão e a manuscrita. Está presente em bilhetes ou cartas e é menos comum no quotidiano do que a letra impressa. A letra cursiva é implementada em escolas com uma linha pedagógica tradicional, que privilegia aulas expositivas, teóricas e orientadas para a memorização, gerando menos abertura ao questionamento da parte dos alunos. É composta por linhas onduladas, o que requer maior exigência no domínio motor. No entanto, o traçado é mais rápido, pois é contínuo e o lápis sai do papel em poucos momentos da escrita.

Com base nestas características da letra impressa e manuscrita, Silva (1996) recomenda iniciar a escrita com a letra impressa, uma vez que é menos exigente a nível motor e o seu traçado é mais simples. Esta postura tem sido apoiada por autores adicionais, que destacam que a letra impressa deve ser primeiramente introduzida às crianças, devido à fácil identificação do que é escrito e à fácil sinalização da quantidade de texto (e.g., Ferreiro & Teberosky, 1991; Silva & Seal, 2012). Batista et al. (2005) vão mais além, indicando que apenas a letra impressa maiúscula deve ser utilizada na fase inicial de aprendizagem da escrita, “pelo menos até que o aluno passe a reconhecer todas as letras e tenha destreza na escrita das palavras” (p. 46). Paralelamente, Horta (2016) sugere que a utilização da letra impressa, na educação pré-escolar, permite mais facilmente à criança autocorrigir-se e

descobrir os seus erros no desenho das letras, uma vez é mais clara, perceptível e nítida, requerendo menos esforço físico por parte da criança e uma menor supervisão da escrita, por parte do/a educador/a. No decurso do desenvolvimento motor da criança, esta adquire maior facilidade para dominar os movimentos mais exigentes da escrita cursiva (Silva, 1996), podendo iniciar a aprendizagem formal da escrita entre os seis e os sete anos de idade. De acordo com a Pedagogia de Waldorf, essa faixa etária cruza-se com a habitual perda da dentição de leite e substituição pela dentição definitiva, bem como com a crescente capacidade das crianças em resolver problemas abstratos (Correia, 2016).

Apesar do consenso existente nestas recomendações científicas, verifica-se, por vezes, que a escolarização precoce é incentivada pelos familiares, o que pode acarretar problemas no desenvolvimento intelectual e psíquico futuro da criança (Correia, 2016). Por esse motivo, é importante que o/a educador/a analise o desenvolvimento da criança e contemple os seus múltiplos contextos de vida, como a família, para que possa esclarecer eventuais expectativas sociais sem fundamentação científica quanto à alfabetização na educação pré-escolar e realizar adequadamente as suas funções, potenciando o desenvolvimento positivo da criança.

Neste âmbito, existem livros comercializados, criados para que os/as educadores/as possam os possam utilizar com crianças em idade pré-escolar. Estes livros seguem as orientações pedagógicas veiculadas pela Direção-Geral da Educação, baseiam-se nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e nas brochuras “Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância” (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008) e “À Descoberta da Escrita” (Mata, 2008). Contudo, alguns desses livros propõem atividades de visualização e reprodução da letra cursiva, o que é desaconselhado pela literatura científica e pelos documentos legais que regulam a educação pré-escolar. No pré-escolar, ainda não se pretende o ensino formal das letras nem a utilização da letra cursiva, mas sim a observação e o contacto inicial com os diferentes letras e materiais escritos (Silva et al., 2016).

Assim, apesar de cientificamente parecer consensual recomendar o uso da letra impressa, constata-se que na prática dos/as educadores/as, nos respetivos manuais de suporte e nas expectativas sociais, surgem mensagens contraditórias quanto ao uso da letra impressa e da letra cursiva na educação pré-escolar, que têm de ser acauteladas.

Devido às dúvidas instauradas na prática em educação pré-escolar e nas atividades pedagógicas contraditórias recomendadas por manuais da área, este trabalho apresenta uma revisão sistemática da literatura acerca da adequação da letra impressa e da letra cursiva no pré-escolar, recorrendo a artigos científicos publicados.

Método

A Base de dados eletrônica usada para esta revisão sistemática da literatura foi a *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), uma vez que disponibiliza artigos científicos revistos por pares e publicados. Esta pesquisa foi realizada durante o mês de janeiro de 2017. Usaram-se as seguintes palavras-chave: letra cursiva, letra de mão, letra manuscrita, letra bastão, letra impressa, letra de imprensa, abordagem à escrita pré-escolar, escrita pré-escolar, alfabetização pré-escolar, escolarização pré-escolar, letramento pré-escolar e psicogênese da escrita.

Obtiveram-se 80 artigos (ver Figura 1). Utilizaram-se cinco critérios de inclusão: (a) artigos publicados nos últimos 10 anos, entre 2007 e 2017; (b) artigos escritos em Português; (c) artigos teóricos e empíricos; (d) artigos focados no pré-escolar (incluíram-se artigos cujas amostras eram constituídas por crianças apenas do pré-escolar ou do pré-escolar e do 1º ciclo, acautelando a devida revisão), e por fim (e) artigos que abordavam o tema desta revisão. Utilizaram-se quatro critérios de exclusão, (a) artigos com data de publicação anterior a 2007; (b) artigos estrangeiros (e.g., Espanhóis, Ingleses); (c) artigos cujas amostras incluíam crianças sinalizadas com necessidades educativas especiais (NEE), outro tipo de doenças ou intervenções cirúrgicas; (d) artigos que não abordavam o tema desta revisão (ver Figura 2).

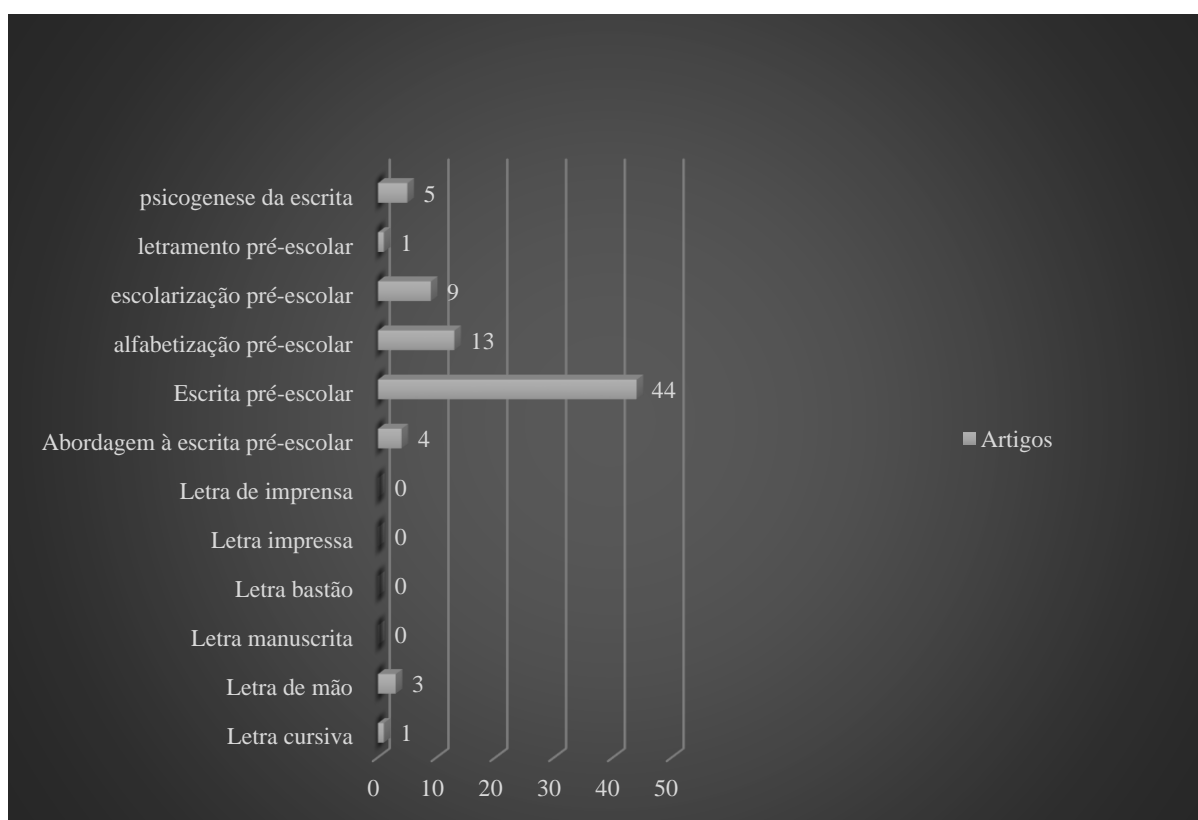


Figura 1

Número de artigos obtidos pelas palavras-chave

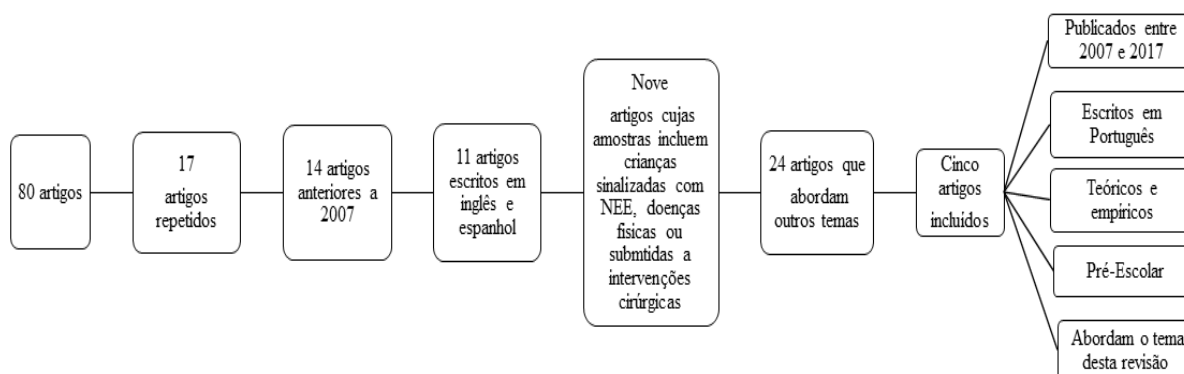


Figura 2

Esquema da seleção de artigos

Resultados

Os artigos que cumpriram os critérios de inclusão foram caracterizados de forma geral. Todos os artigos foram desenvolvidos e publicados no Brasil tendo todos, à exceção de um, sido escritos por dois autores. Os autores e as revistas são diferentes e os anos de publicação também, uma vez que os artigos foram publicados entre 2008 e 2016. Em relação ao tipo, três artigos são empíricos e dois são teóricos. Dos artigos empíricos, todos eles apresentam um *design* longitudinal e recorrem a amostras com idades desde os três aos oito anos de idade (ver Quadro 1).

Em relação ao estudo do conteúdo dos artigos, verificou-se que apenas um deles abordou a letra impressa na educação pré-escolar (i.e., Cardoso-Martins & Corrêa, 2008). Em particular, para a avaliação das crianças, as investigadoras usaram cartões com a letra maiúscula impressa, justificando essa opção por ser mais familiar às crianças.

No entanto, o objetivo deste artigo foi investigar a evolução da escrita de acordo com os modelos de Ferreiro e Ehri. O modelo de Ferreiro adota um paradigma construtivista no qual sugere que as crianças se desenvolvem em três estádios: pré-silábico (a criança não entende que a escrita representa os sons da fala), silábico (a criança compreende que os sinais gráficos ou letras representam segmentos sonoros da fala) e alfabético (a criança reconhece as letras como símbolos visuais que representam fonemas). Por outro lado, o modelo de Ehri assume um paradigma fonológico e indica que habilidade de ler e escrever das crianças

progride ao longo de quatro fases: pré-alfabética (a criança não associa letras a sons), semi-alfabética (a criança começa a associar os sons da linguagem oral à escrita); alfabética completa (a criança começa a associar sons às letras) e alfabética consolidada (a criança começa a articular duas ou mais letras). Os resultados deste trabalho verificaram que as fases de Ehri se mostraram mais adequadas ao desenvolvimento inicial da escrita do Português do Brasil do que as fases de Ferreiro. Como conclusão deste estudo, as autoras destacaram que o modelo das fases de Ehri se baseia fundamentalmente “na observação de que a criança em idade pré-escolar, explora ativamente o seu conhecimento do nome e dos sons das palavras na tentativa de compreender a natureza da escrita” (p. 285)

Com inspiração no modelo de Ferreiro, um outro estudo testou uma adequação de novos estádios à aprendizagem da leitura e da escrita entre o pré-escolar e o primeiro ciclo (i.e. Moreira, 2009). A autora sugeriu novos estádios, dos quais: escrita icónica (a criança desenha com intenção de acordo com o que deseja); escrita grafemática (a criança tenta imitar os traços escritos do adulto); escrita fonográfica (a criança apercebe-se de que os sons podem ser representados na escrita) e a escrita ortográfica (a criança começa a usar as regras da escrita). É referido pela autora que nos estádios iniciais, referentes ao pré-escolar, não há uma preocupação com o tipo e a perfeição da letra, pois o importante é que a criança evolua no desenho e na distinção entre desenhos e letras.

Um dos artigos teóricos revistos remeteu para a aprendizagem experiencial, focando Vygotsky, mas não abordando explicitamente o tema deste trabalho (i.e. Costa & Silva, 2012). Ainda assim, reconheceu a importância da abordagem à escrita no pré-escolar, sendo que esta apresenta continuidades e descontinuidades e é facilitada pelo jogo simbólico, pelo desenho e pelos gestos. Estas atividades traduzem a importância do corpo na aprendizagem da criança e na representação de significados, bem como favorecem a linguagem oral, a abstração e posteriormente a escrita. Os/as profissionais em educação devem, por isso, conciliar o corpo com os processos inerentes à abordagem à escrita, de acordo com este artigo teórico revisto.

O outro artigo teórico também não abordou explicitamente o tema em revisão, mas apresentou um enquadramento histórico da iniciação do ensino formal da escrita no Brasil (Caldeira & Paraíso, 2016). Este artigo destacou o movimento para a alfabetização antes dos seis anos de idade e as diferentes posições que se levantaram durante essa mudança social, no Brasil. Enquanto os representantes políticos e jurídicos defendiam a antecipação da entrada na escolaridade como forma de promoção da igualdade de classes mais e menos desfavorecidas, os/as pedagogos/as, neurologistas e psicólogos/as contrariavam esta proposta,

defendendo a importância dos jogos, da maturidade infantil e do acompanhamento do desenvolvimento físico da criança.

Ainda que o artigo de Medeiros e Bezerra (2015) também não tenha abordado o tema desta revisão, articulou as contribuições das neurociências com a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel no 1.º Ciclo. Ausubel diferencia a aprendizagem significativa, aquisição de conhecimento com base em experiências pessoalmente significativas e a sua transferência para o futuro, da aprendizagem mecânica, em que não se atribui sentido ao conhecimento, sendo este facilmente esquecido. Esta investigação pretendia mudar as formas de pensar e de preparar os indivíduos, melhorando os modelos pedagógicos na educação pré-escolar através de descobertas das neurociências e da aprendizagem significativa. Os resultados indicaram que uma intervenção baseada nas neurociências e na teoria da aprendizagem significativa, adequada a experiências visuais, auditivas e táteis, contribuiu para aumentar a motivação, reflexão e envolvimento das crianças na aprendizagem. Por isso, recomenda-se:

Promover atividades didático-pedagógicas adequadas à ativação das áreas do cérebro responsáveis por processos neurocerebrais complexos, como a imaginação, que é básica para a inovação; a motivação que é responsável pela elevação do entusiasmo para agir; a emoção que é fundamental para o processo de formação e consolidação de memórias; e atenção que é indispensável para a formação de redes neuronais implicadas na evocação de memórias que dão suporte ao raciocínio lógico. (p. 31)

Quadro 1

Caracterização geral dos artigos

Autores	Ano	Título	País	Revista	Tipo	Design	Amostra
Martins & Corrêa	2008	O desenvolvimento da Escrita nos anos Pré-Escolares: Questões acerca do Estágio Silábico	Brasil	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Empírico	Longitudinal	20 Crianças na faixa etária dos 3 a 5 anos
Moreira	2009	Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo tema	Brasil	Linguagem em (Dis) curso	Empírico	Longitudinal	20 Crianças na faixa etária dos 6 aos 8 anos
Medeiros & Bezerra	2015	Contribuições das neurociências ao processo de alfabetização e letramento em uma prática do Projeto Alfabetizar com Sucesso	Brasil	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	Empírico	Longitudinal	22 Alunos do 1º ano do primeiro ciclo na faixa etária dos 6 anos
Costa & Silva	2012	O corpo que escreve: considerações conceituais sobre aquisição da escrita	Brasil	Psicologia em Estudo	Teórico	_____	_____
Caldeira & Paraíso	2016	Dispositivo da antecipação da alfabetização: condições de emergência e contornos atuais	Brasil	Cadernos de Pesquisa	Teórico	_____	_____

Discussão

Esta revisão sistemática da literatura acerca da adequação da letra impressa e da letra cursiva no pré-escolar, recorreu a cinco artigos científicos publicados. Contudo, estes cinco artigos raramente abordaram de forma explícita o tema pretendido, não respondendo objetivamente à pergunta inicial deste trabalho. Apenas Cardoso-Martins e Corrêa (2008) explicitaram ter escolhido a letra impressa maiúscula na sua intervenção por ser mais familiar à criança. Esta ideia é compatível com recomendações de autores que sugerem que a letra impressa está presente em vários gêneros textuais e é observada mais frequentemente pelas crianças, devido à fácil identificação do que é escrito e à fácil sinalização da quantidade de texto (Ferreiro & Teberosky, 1991; Horta, 2016; Silva, 1996; Silva & Seal, 2012).

Contudo, encontrou-se evidência quanto a outros fatores relevantes para este estudo. Por exemplo, o corpo surgiu concebido como o meio de exploração do mundo, sendo através das experiências interativas com os contextos que há maturação do desenvolvimento cognitivo, necessária à posterior aprendizagem formal e convencional da escrita, tal como referem autores como Kaufman (1989, citado por Pérez & García, 2001). Costa e Silva (2012) destacam que o corpo “nos anos iniciais revela-se meio/canal essencial de expressões e impressões de mundo, suporte da brincadeira, do desenho, da narrativa e da escrita incipiente” (p. 61), o que significa que é o corpo que sustenta a aprendizagem, pois é através dele que a criança explora, manipula e contacta com o mundo. Caldeira e Paraíso (2016) referem que “a criança deve ter acesso a múltiplas linguagens antes de entrar no mundo da escrita”, destacando-se primordialmente a brincadeira como forma de se apropriar, manipular e pensar sobre a língua enquanto brinca.

Identificaram-se também diversos contrassensos no artigo de Caldeira e Paraíso (2016), em que políticos, no Brasil, recomendam a antecipação da alfabetização aos seis anos de idade, enquanto outros profissionais alertam para a desadequação dessa opção. Seguindo a Pedagogia de Waldorf (Correia, 2016), só a partir dos sete anos se deve iniciar a alfabetização, pois antes disso a criança está a desenvolver-se fisicamente, não estando ainda tão capacitada a resolver problemas abstratos nem tendo ainda a motricidade fina necessária à escrita com letra cursiva.

Relativamente ao artigo de Medeiros e Bezerra (2015) destaca-se que “os profissionais da educação necessitam de conhecer as teorias das neurociências que descrevem os processos neuropsicológicos envolvidos na aprendizagem (...) para desenvolverem metodologias favorecedoras de ensino de qualidade e condizentes com o perfil dos seus

alunos.” Tal como refere Correia (2016) por esse motivo, é importante que no pré-escolar, o/a educador/a analise o desenvolvimento das crianças, fundamentando cientificamente as suas práticas, potencializando assim o desenvolvimento positivo da criança.

Os vários temas abordados pelos artigos revistos oferecem motivos que parecem justificar o uso da letra impressa no pré-escolar. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016) afirmam que, ainda não se pretende o ensino formal das letras, mas sim o contacto inicial com diferentes letras e materiais escritos. Pretende-se apenas que o contexto pré-escolar provoque a curiosidade das crianças acerca da linguagem escrita e o seu desejo de conhecer melhor o sistema de escrita, contactando com o texto manuscrito e impresso, desenhos das letras e conhecendo as convenções da escrita.

Ainda assim, tendo em conta que a abordagem à escrita na educação pré-escolar parece gerar mensagens contraditórias na prática e escassos artigos abordam explicitamente a dúvida que se cria quanto ao uso da letra impressa ou cursiva, é ainda preciso investir nesta área em Portugal. No futuro, poderia ser criada uma revista portuguesa sobre esta área de conhecimento, superando também a lacuna de que todos os artigos analisados nesta revisão eram de revistas com origem Brasileira. A revista deveria estar direcionada ao pré-escolar e basear-se em artigos sobre a abordagem à escrita, pesquisando também sobre o tipo de letra mais adequado ao pré-escolar. Esta revista poderia ainda constituir uma ponte entre a teoria e a prática, aliando investigadores/as e educadores/as. Outra sugestão passa por criar formações, palestras e *workshops* relativos a este tema, para assim sensibilizar profissionais de educação, pais e a sociedade em geral acerca do que é cientificamente recomendado no âmbito da abordagem à escrita. Poderia também haver um maior investimento na emissão de pareceres ao governo por parte de investigadores/as e profissionais para alertar para os riscos de recorrer a práticas de abordagem à escrita pouco adequadas ao pré-escolar e controlar a qualidade científica dos manuais educativos publicados, cooperando assim para uma melhor educação e esclarecimento social sobre o tema, no país.

Em estudos futuros, sugere-se a condução mais frequente quer de revisões tradicionais da literatura, quer de revisões sistemáticas mais alargadas. Seria útil nestas últimas procurar artigos referentes a este tema em outras línguas, com outras palavras-chave, pesquisar artigos em outras bases de dados científicas e realizar a revisão sistemática a pares.

Esta revisão sistemática foi pertinente, pois surgiu da dúvida instaurada na prática que pode levar os/as profissionais de educação ao erro, sendo importante reforçar bases científicas nesta área, para que seja feita uma melhor aplicação deste tema na prática profissional dos/as educadores/as.

Por fim, a postura educador/a-investigador/a é estimulante e inovadora, pois quanto mais conhecimento os/as profissionais adquirirem e quanto mais atualizados/as estiverem, com melhor qualidade conseguirão executar sua prática. Assim, se os/as educadores/as acederem a um bom leque de informação teórica e empírica, esta influenciará e contribuirá para melhores práticas e vice-versa, favorecendo assim o desenvolvimento pessoal e social dos/as profissionais em educação.

Referências

- Batista, A.A.G., Silva, C. S. R., Frade, I. C. S., Soares, M., Val, M. G. C., Bregunci, M. G., Castanheira, M. L., & Monteiro, S. M. (2005). *Capacidades da alfabetização*. Brasília, Brasil: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. C. S., & Paraíso, M.A. (2016). Dispositivo da antecipação da alfabetização: Condições de emergência e contornos atuais. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 846-868.
- Cardoso-Martins, C., & Corrêa, M. F. (2008). O desenvolvimento da escrita nos anos pré-escolares: Questões acerca do estágio silábico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(3), 279-286.
- Correia, A. R.C. (2016). *Tempo para aprender vs. Tempo para brincar* (Tese de Mestrado). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal.
- Costa, M. T.M.S., & Silva, D.N.H. (2012). O corpo que escreve: Considerações conceituais sobre aquisição da escrita. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 55-62.
- Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1991). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Brasil: Editora Artes Médicas Sul.
- Horta, M.H. (2016). *Linguagem escrita na educação de infância: Da intenção à prática*. Viseu, Portugal: Psicossoma.
- Lagrange, G. (1997). *Manual de psicomotricidade*. São Paulo, Brasil: Editorial Estampa.
- Mata, L. (2008). *À descoberta da escrita. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa, Portugal: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Medeiros, M., & Bezerra, E. L. (2015). Contribuições das neurociências ao processo de alfabetização e letramento em uma prática do Projeto Alfabetizar com Sucesso. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 96(242), 26-41.
- Moreira, C. M. (2009). Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo tema. *Linguagem em (Dis)Curso*, 9(2), 359-385.

- Silva, A. V. (1996). *Bastão X Cursiva, os prós e os contras de cada letra na alfabetização*. São Paulo, Brasil: Editora Abril.
- Silva, I.L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa, Portugal: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Silva, A. & Seal, A. G. S. (2012). *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: A Apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização*. Brasília, Brasil: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa, Portugal: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.